

CEARA

BRAZIL

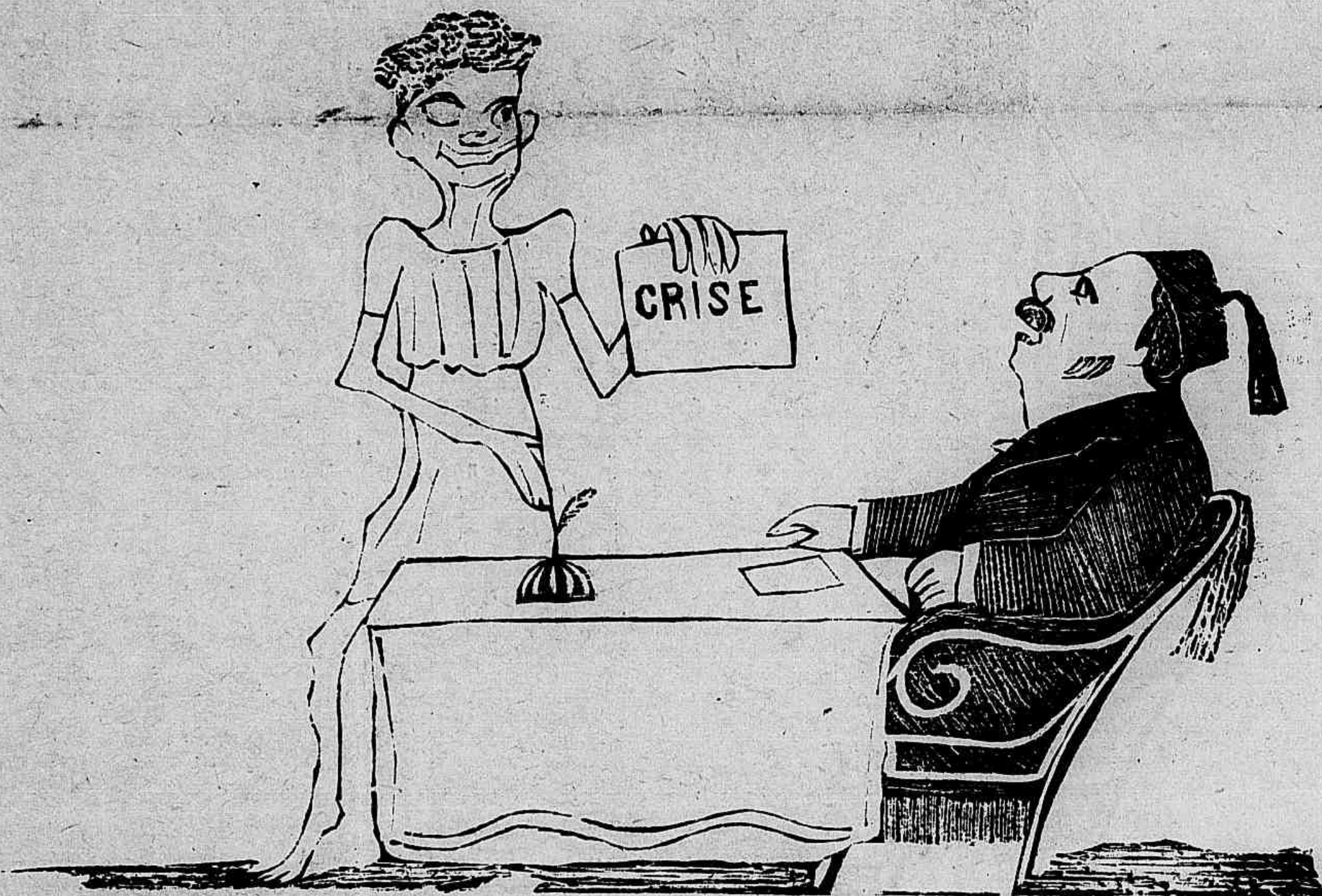
O FIGARINO

Revista Humoristica e Illustrada

ANNO 1

Fortaleza, Domingo 8 de Setembro de 1895

NUM. 19



O espanto do commercio ante ao medonho espectro da CRISE é horroroso !

O FIGARINO

Fortaleza, 8 de Setembro de 1895.

MISERIA !!

Emquanto o Brasil inteiro indigna do contra a Inglaterra, repelle a sua audacia na occupação da Trindade, Manáos, a fronte do Gigante d'America do Sul se cobre de luctuosa vergonha.

E' o caso :

Arthunio Vieira, redactor do «Amazonas Commercial», sentindo em seu peito o amor sacrosanto do patriotismo, atirou uma vergastada vibrante sobre o estrangeiro que se enroscava traçoeiramente no canal da Mancha, um artigo cheio de enthusiasmo publicado nas columnas daquelle jornal.

Os proprietarios, um sr. Silva Gomes C^a despediram-n'o vergonhosamente por aquelle motivo, exigindo até que queimasse as edições restantes em seu escriptorio!

Miseria ! !...

Então o valente patriota, retirou-se da redacção daquelle jornal e communicou a sua resolução ao paiz inteiro !

Em nenhum Estado da Republica Brasileira, deu-se ainda semelhante caso !

No momento em que devemos ser solidarios na defeza de nossos lares, braço de ferro contra esta invasão insolita dos estrangeiros, um só coração para sentirmos a mesma dor, uma só bandeira aureolada já por muitas batalhas, para fluctuar no topo de nossa esquadra, no mastro de nossas fortalezas gloriosas, triste é consignar o caso de meia dúzia de portuguezes, povo que nem sabe fazer causa commum com sua propria patria opprimida, que quer introduzir no nosso paiz o jugo antipathico e nocivo da Inglaterra.

Sim ; este facto é obra do malangismo retrogado do Amazonas, e, si o jornalismo de nosa terra calou-se sobre este facto, não nos calaremos : ó que aspiramos a liberdade da imprensa e aureolada liberdade de todos os brasileiros !

C. S.

LA GLACE ELEGANTE

GOSTAS DA TARDE ?

Gostas da tarde ? do ermos ?
Das paisagens campestres,
Das alegrias sylvestres,

Das sombras occidentaes ?
Ai tu gostas que me dizes
De ver soberbas matizes
Das sombras dos cacauaes !

Gostas do canto ? da musica ?
Quebrando as silentes plagas ?
Conservar á sós coa as vagas
Im frente ao ceruleo mar ?
Ai ! tu gostas que te vejo
Tão só, mendigando um beijo
Da tarde, nos descambar !

Gostas da tarde ! e' sublime
A tarde na immensidade
Vae deixando a claridade
O crepusculo se oppôr !
E' bella ; porque se cala
E este silencio nos falla
Sempre em poemas de amor !

Fiddanza.



VEM

Vem á meus braços... vem... nesse
(momento)
Phantasma bello, celestial visão,
Sacode mais tua cabelleira ao vento
Vem occupar meo triste coração.

Vem... aproximaste para aqui mais
(p-rio)
Desenrola te deste veo de neva pura,
Piza em meo seio, povôa este deserto
Mostra o teu rosto, oh ! bella creatural

Vem... embora se dissipe em pouco,
Como Elocá o dourado sonho de Viguy
Esta comedia que representa um louco
(co)
Louco sublime que morrea por ti !

Vem á meus braços... vem neste me-
(mento)
Quero na neve me envolver tambem
basta que leve nos para longe o vento
e los espaços sem mais ver ninguém.



A menina do valle de rosas (*)

PRIMEIRA PARTE

O CAMINHO DO CRIME

O fiacre que conduzia Guinard parou no centro do boulevard Hausmann.

Assustado, saltou ás pressas por entre a multidão de varredores e operarios que chinellavam pelo lameiro das ruas e enfiou para o café Popular, que parecia ter ficado aberto toda noite.

Pelas 10 horas entrou n'um elegante predio de varandas, em cuja escada as estannas friorentas reclinavam-se com banalidades.

No alto, bateo.

Carne, a creada, soubrío o reposteiro de damasco, deixando cahir sobre o recém-chegado uma facinação de lustres, pinturas de praia e tudo que esmaltavam o alto tecto e claudes das paredes vastas

— Ah ! e o senhor ?

— Sim, menina.

— A senhoraahi vem. Sente-se.

Guinard cahio n'um «fateuil», notando aquelle luxo ruidoso, consolos e cadeiras douradas, grandes poltronas á Luiz XIII.

Depois vio entrar pela segunda vez uma rapariga morena, baixa, toda chic, cabellos negros e grandes, olhos vivos e scintillantes.

— Pelo que fallou hontem, nada tem a acrescentar ?

— Ora, disse ella. Deixemos isto. O senhor não imagina o quanto soffro. Falla-me de amor. Isto é irrisorio. Será alguma dozella ?

— Acredite m'o.

— Insipido !

E passou a mão pelos cabellos com eufado.

Guinard fallou.

— Fiz m'a creança. Vi a na gare. Segui-a.

— Acompanha-me ?

— Sim !

— O senhor ?

— Todo inteiro !

— E' amavel. Pobre Rosalina, se tivesse a seu lado no principio da vida um mancebo assim, talvez fosse feliz ; murmurou ella que realmente tinha esse nome.

— Já esteve no theatro ?

— Já, mas aborrecia-me a vida de «cocoltes».

— Espera alguém ?

(*) Reproduzido por ter sahido com algumas incorrecções.

—Com certeza. Esta casa deo m'a o conde de Jablo-kooft, russo riquissimo, que mora n'avenida Villiers. E depois flectindo uma serpentina de zinco representando de bronze florentino:

—Então seguiu-me?

O sorriso matava. E o pesito inquieto pisava uma bolla esquecida por um «bull dog». Guinard aflu-tava a voz e derreia-se de prazer:

—Sim, mas agora vou ser o seguido.

—Por quem?

—Pelo conde.

—Qual! Pode vir sem sustos e ha de ser para o jantar. Vamos jogar o «besigue». Sim?

E Guinard meio erguido por ouvir tocar a campainha, despedio-se.

A voz de Rosalina fez-se ouvir já da escada:

—Trase uma libra de «pralines», do Boisseur!

E elle desceo alegre, contentissimmo.

Uma batega d'agua invadia o marmore da escada. Lá por cima batiam portas.

O vento zunia, peroleando o nevoeiro os raios do sol partidos por entre rasgos de nuvens pardas.

O boulevard rumarejava no pé dos grandes predios toda mal abertos e cheios de poeira ruiva do folhago mudo das arvores.

Na confusão de sobre-lojas e janellinhas quasi tapadas por tabolettas, bandeiras passavam e repassavam por sobre columnas de marmore e fies telephonices.

(Continúa)

LAPIS TRAVÊSSO

Chapeau bas!

Não ha nada como ser sympathico ou merecer sympathias do respeitavel publico.

Esgotou-se a ultima edição de nossa folha devido as «sapadas» e «saporescencias» da epocha.

Fique certo o leitor que o engrossamento é o segredo da vida.

Eu não gosto de dizer nada, porque o leitor fica logo esperando como certo.

Imagine que se eu annunciasse lhe a chegada de um circo de cavalinhos?

Acreditava me?

Com certeza.

Pensem de outra forma.

Corre o boato que a redacção de nossa folha vai pôr em scena uma re-

visia, um grande espantailho no theatro S. Luiz?

T-m muzica prompta, artistas, cambistas e o diabo a quatro.

E' assim?

Talvez.

Black

PALAVRAS DE UM REPRESENTANTE DE PORANGABA NA INAUGURAÇÃO DA FERRO-CARRIL

Illustres cidadãos!

comidamus e bibamus!

Heje é o dia que a nossa patria «veta» aperta a mão da capital, deste bom povo que nos distingue por mera tolerancia!

Hoje; troquemos as «apragatas» pelo bostek marca bode; o chapen de couro pelo de paia; a faca de ponta pela rombada; e a caxojo pelo vinho de caju!

«Nós nao tem biotéca, nossa biotéca é o povo: cada povo é um valame, cada valame um sentido adverso!

Isto são palavras de um heroe.

A saporescencia do seculo, fez-nos dizer como S. Agostinho;

«Comidamus e bibamus»!

Portanto, meus senhores; a rua é nossa; fiquem Deos nos livres; agora temos nas lguas.

Tenho dito.

Resposta de um socio do "Club Cearense"

Bravos danzadores das selvas!

Miralem, deslocando o pensamento, disse:

O matuto é a luz e a espora é a treva.

E' de Schopenhauer: a vontade é um freio.

O absoluto é de Schelling e o incognovel é de Spencer.

A met-physica é o ponta pé do cerebro.

O caia é a evolução e o sapo é o progresso!

Portanto deixai o bond passar.

Viva a macacheira!

PROCLAMAÇÃO

Vivos da terra natal;

Beldades e hidas pelo tiro da macaca!

—Loucos de Porangaba!

—Aberrações da natureza!

Qu xeramobim abre-nos as portas!

Acolá é o paiz do bucolismo, é o idylho de S cher Masoch, é o ideal de M homet, a perola de Ophir, é o engenho dos favoritos, a fabrica de casaamentos!

Vós que perdeis o vosso tempo arrastando os pés nas avenidas do Passio publico; vós que tendes devoção com S. Gonçalo de Amarante, vós que inundaes-vos de fitas, pós de arroz, carmins, patchoulys, teieas e peneíez; correis pressurosos á patria do Marahuba, onde os velhos ficam moços, os cegos criam vista, os tortos se indreitam, o sol raia de noite, a lua brilha de dia e os de-mantelados se concertam!

Deixai o Amazonas onde se bebe ouro derretido e deita-se gallinha com matas de cem mil réis.

Ide ver o Qu xeramobim.

Multiplicae-vos.

BLACK.

Noticiareta

CONGRESSO DE SCIENCIAS PRACTICAS

Com uma sessão magna hontem ao meio dia commemorou o seu primeiro anniversario, esta sociedade de instrucção que relevantes serviços tem prestado as classes proletarias com as suas aulas noturnas.

Que tenha longa existencia é o que desejamos.

CAVACO

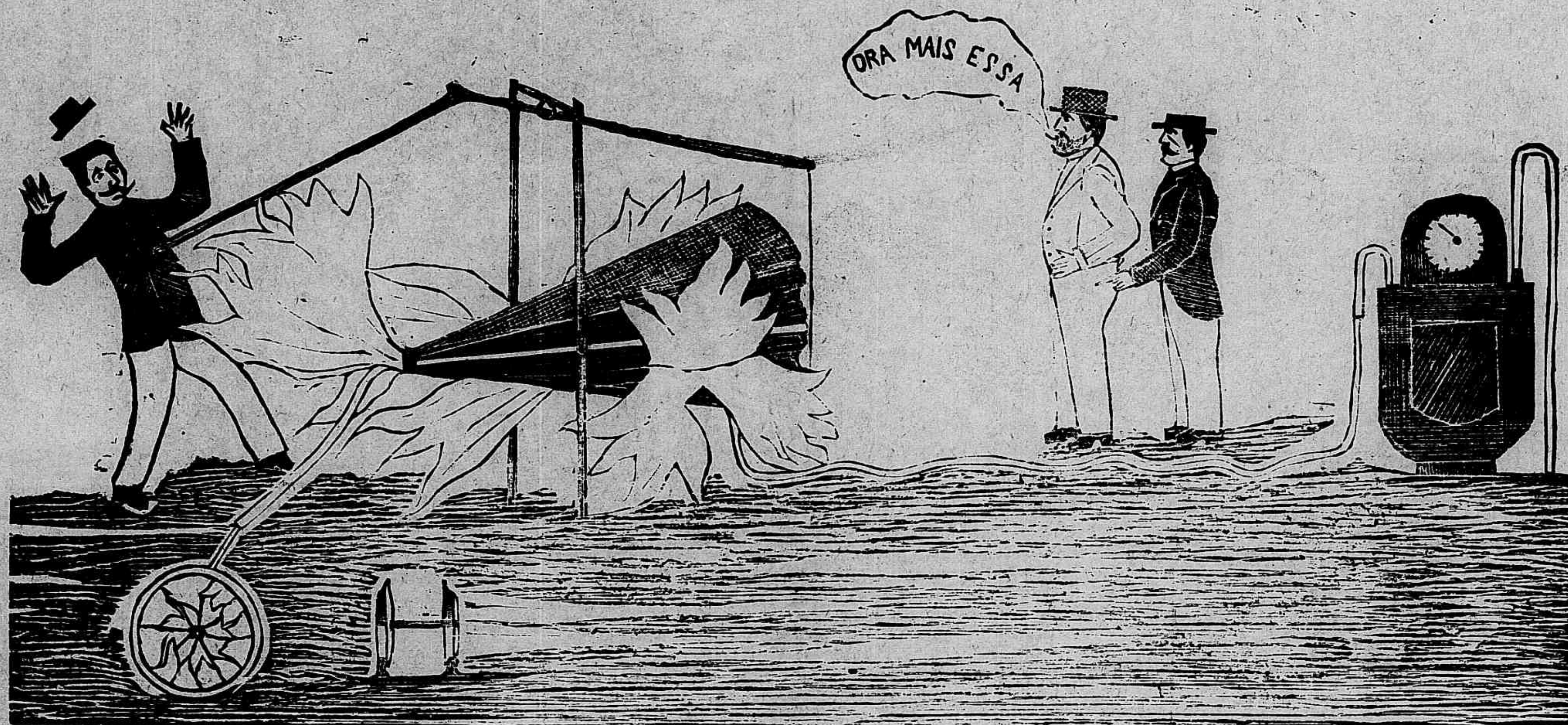
No domingo passado tivemos o desprazer de notar que alguns pequinotes que distribuam os boletins dos quimias da Ija Guarany, gritavam O Figarino para chamar attenção.

Seria mandado?

O estratagemma foi bom e teve graça, menos para nós que não gostamos de brincar.

Ouviram? ...





O mestre das officinas da Estrada de Ferro inventou um processo de tirar aros de rodas por meio de gaz encanado... mas sahio fivado. Por isso o mestre Niventa Favou esta vez tambem; Agora ficam chamando Em vez de noventa...cem.